

Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 1 de outubro de 1854 – Edição 40

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00040.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 1 DE OUTUBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

O Rio de Janeiro tem de tal modo feito progressos na vida social do mundo elegante, que cremos haver-se collocado a par dos paizes onde a civilisação mais tem apurado o espirito de sociabilidade com todos os predicados que lhe são inherentes, como o apurado gosto dos *toilettes*, a elegancia dos penteados, a delicada escolha dos adornos, e a graça da ingenua simplicidade. Parece mesmo que o espirito e a intelligencia muito têm ganho nesta animação perenne, protegendo assim vantajosamente as bellas artes e a instrucção. A este ultimo respeito devemos confessar que o nosso sexo mais tem aproveitado do que a turba sempre agitada e confusa dos cavalheiros, entre os quaes só temos notado, em geral, as alterações da moda, no talho das casacas, do que no estudo que, com mais utilidade propria, deverião fazer para melhor attingirem ao fim á que todos elles se dirigem, mas que só o conseguem alguns; e esses são geralmente os que menos estudão os figurinos, porque todo o tempo lhes é pouco para pensarem no melhor plano de campanha para alcançar victoria no campo tumultuoso de um baile, sobre o espirito da mulher.

Felizes, mas bem raros, são os que nos fazem esta justiça: felizes, porque alcançam sempre as dedicações respeitosas e o apreço com que nós, senhoras, costumamos distinguil-os

em premio da justa consideração que rendem ao nosso verdadeiro character; bem raros, porque, mais consciões de si mesmos, desistem de entrar em liça com a multidão sempre agitada que nos nossos salões nos accommettem em desordenados esquadrões para descarregar sobre nossos ouvidos uma multidão de palavras, que são as mesmas sempre, em todas as salas, todas as noites, com os mesmos gestos, e na mesma ordem.

Devemos entretanto orgulhar-nos um pouco de termos colhido algumas melhores vantagens deste progresso social que se tem desenvolvido no nosso Rio de Janeiro. Os vícios da educação bisonha de nossos avós extinguirão-se. Todas as senhoras são hoje delicadas, instruidas, e prendadas. Temos conquistado para o nosso sexo o conhecimento de muitas sciencias de deleite, e prendas que outr'ora só poucas senhoras possuíam, e talvez com bastante imperfeição. Antigamente era o nosso sexo mais sujeito ao coração do que á intelligencia; hoje porem as idéas espiritualistas do nosso seculo sobrepujaram as velhas influencias; e o moral, sómente elle, firmado em uma educação esclarecida e social, é a bussola que nos guia no mar da vida, onde os senhores cavalheiros representam os interessantes papeis de cachopos: do que muito se devem lisongear, pois os cachopos derão, dão e darão sempre, muito cuidado aos navegantes, para os

ter sempre na lembrança. E realmente assim nos acontece.

Existem hoje tantas sociedades de bailes onde o mundo elegante passa alegre horas, esquecendo os pezares e amargores da vida, e são tão repetidas as reuniões que se dão, que nos seria impossivel tentar a descripção minuciosa de cada uma dellas, e endereçar ás suas dignas directorias todos os elogios de que se tornão credoras pelos relevantes serviços que prestão com tanta sollicitude á nossa civilisação; e nos vemos por isso obrigada a citar apenas as reuniões que houverão depois das que já forão relatadas ás nossas leitoras.

Na semana passada tiverão logar as reuniões do *Recreio Familiar*, da *Sylphide* e da *Vestal*. Entrar na analyse das bellezas e do bom gosto com que primarão as nossas amigas fôra comprometter-nos a determinar uma questão de superioridade que com franqueza não nos julgamos habilitada para decidir. A sociedade *Vestal* foi ainda abrilhantada pela execução de algumas peças de musica, por algumas senhoras que a obsequiaram, e sentimos que incommodos de saude impedissem de cantar nessa noite uma nova dilettanti, que nos consta que pela primeira

vez se faria ouvir nessa reunião; consolando-nos a esperança de bem podermos apreciar a sua brilhante voz na próxima reunião.

Na presente semana teve logar o baile do *Cassino Fluminense*, sempre brilhante e pomposo, o *Campestre*, e o baile dos Militares, onde cada socio, imitando o seu digno presidente, disputa a superioridade na delicadeza e cavalheirismo com que tratão a todos os seus convidados, e com que, sobretudo, nos distinguem: e creia a Sociedade dos Militares que deve receber estas palavras como um pequeno tributo de homenagem rendido aos bravos da patria em nome das senhoras que frequentão as suas reuniões, entre as ques se conta a Alina.

Esplendido e delicado foi o sarão do Sr. Wehner dado em uma das noites da semana passada, na sua linda casa do Cattete. O máo tempo e a cerrada chuva dessa noite não impedirão aos seus convidados de comparecerem todos, e ás nove horas e meia estava completa uma animada e brilhante reunião, que rendida á amabilidade e attenciosos cuidados do Sr. Wehner e sua esposa, só ás tres horas e meia da manhã se pôde retirar ainda respirando o doce aroma de mil flores viçosas e fruindo os encantos de um completo sarão.

Para o dia 4 do corrente está definitivamente determinada a inauguração dos novos salões da sociedade *Phil-Euterpe*, com a presença de Suas Magestades Imperiaes, que se dignão assistir ao festejo, o qual terá logar com uma reunião extraordinaria, em beneficio das orfãs de Santa Thereza, nesta côrte.

Cabe aqui dár-vos parte, queridas leitoras, que a nossa espiituosa Christina está doente; por isso vos deixou hoje sem artigo de modas, de cuja falta vos pede que a desculpeis.

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de palha de arroz, enfeitado de fita batida côr de rosa. Cabello em bandos fofos.

Saia de nobreza escura, lisa.

Cannezou de mosselina branca de basquine, guarneçada de renda *guipure*, galão de algodão e botões cobertos.

Sub-mangas e collarinho de *guipure*.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de escomilha, blonde e flores. Cabello á *Eugénie*.

Vestido de seda, de folhos á disposição. Corpo afogado, fechado com pregas tomadas da altura do hombro a fechar no cinto.

Cinto redondo.

Mantelete de seda verde enfeitado de renda *guipure*, com crespos da mesma fazenda, e fita de veludo preto.

Collarinho e sub-mangas de renda ponto de Inglaterra.

A JARRA QUEBRADA.

(ROMANCE EM ESBOÇO.)

(Continuado do n.º 39.)

O drama ia tornar-se monotono e fastidioso; a repetição de scenas integralmente semelhantes tratava de abafar o pequeno enredo que nelle se continha, quando sobreveio uma occurrencia para dar-lhe nova força e vida. O estado melancolico de D. Georgina attrahiu a attenção do seu

medico de partido, e este aconselhou-a de deixar a côrte para gosar do saudavel clima de Petropolis.

A moda, com o seu imperio universal, não requer unicamente mudanças no vestuario, no andar, no fallar e no mentir, ordena com autoridade absoluta as maiores extravagancias, e a medicina neste caso não consente que ninguem lhe tome a dianteira. Sempre que se trata de innovações, ella occupa o primeiro logar, e pouco lhe embaraço os resultados.

Antigamente, quando um enfermo perigava, dizia-se penalizado — o remedio é o das Caldas; hoje, quer perigue, quer convalesça, quer morra, diz-se com ar magistral — vá para Petropolis, e se restabelecerá! Seria mais proprio da humanidade acrescentar logo — se não ficar por lá enterrado, se não conservar-se no mesmo, ou em peor estado! O medo de dar um passaporte para o outro mundo tambem traja no rigor da moda.

Petropolis pois é um santo medicamento para acalmar os pezares de uma viuva moça e bonita; por isso D. Georgina foi constrangida a ceder á prescripção do Hippocrates, e ao pedido de alguns parentes que acreditão menos nas palavras do Evangelho do que nas da Faculdade de Medicina!...

Lá vai ella toda enjoada e aborrecida a bordo do vapor da Estrella, que pelo nome não perca; não só por ser uma das muitas carroças que diariamente cruzão a nossa bahia, como em razão da nenhuma commodidade que offerece aos passageiros.

No dia da partida, que pouco ou nada abalou o contemplativo Edeltrudo, recebeu este uma visita inteiramente inesperada; era um typographo-editor, fazenda muito mais rara no Rio de Janeiro do que um amante apedrejador.

— O senhor é poeta? perguntou o visitante ao nosso fabricante de rimas.

— Faço todo o possivel para sel-o, respondeu Edeltrudo modestamente.

— Muito bem! O seu talento não me é estranho, aprecio-o como devo, e para provar-lhe venho encommendar-lhe uns versos. É muito usado na Europa publicar-se pela festa do Anno-Bom um livrinho delicado e enriquecido de estampas para se offerecer ás senhoras. Ora, já que existimos em época tão precária para quem se occupa de livros, convem lançar mão de todos os meios que nos facultem alguns haveres.....

— Infelizmente é uma verdade o que acaba de dizer! murmurou Edeltrudo querendo animar o livreiro-typographo, e não sei que mais.

— Por isso tenciono publicar uma espécie de album, illustrado de infinitas gravuras e com o texto em verso; terá o titulo de — *Bellezas de Petropolis*..... Quererá o senhor encarregar-se da parte litteraria?

— E porque não?

— Se aceita, é preciso partir sem demora, e reunir-se ali a um excellente desenhista que incumbiu-se da parte artística, cumprindo que ambos se auxiliem na perfeita descripção dos sitios.

— Conte com a minha exactidão.....

— Aki tem o quanto lhe é necessario para despender com a viagem, e uma parte do que lhe pretendo dar pelo seu trabalho, que desde já espero seja um dos mais perfeitos.

Edeltrudo recebeu os bilhetes apresentados pelo typographo, e logo entrou no arranjo de suas malas, e a fazer os exigidos preparativos; o misero não cabia em si de contente, e estava mais admirado do que um sertanejo transportado á côrte.

Como se explicava que um talento, apenas conhecido pelas quatro paredes do seu gabinete, já se achava na boca da Sra. Fama? Elle sabia, por tradição remota, que as paredes tinham ouvidos, e não se capacitava de que ellas fallassem; ignorava porém que a visita e o dinheiro do typographo erão o resultado de uma jarra quebrada!

No entanto não fatigou-se muito em procurar as causas de sua inesperada fortuna. — De hora em hora Deus melhora, lá diz o adágio; e com esse pensamento lançou-se aos mares, subjugado como estava por um interessante scismar.

Que magnífica estréa! Um livro de poesias ornado de finíssimas estampas!... Nunca tal cousa foi vista no nosso paiz, onde a litteratura, por falta de crescimento, mingua e definha! E, pergunto agora, não era de sobejo esse brinco do acaso para que o Lamartine brasileiro, abraçado com as suas rissonhas esperanças, alimentando uma idéa relativa á sua visinha, viajasse horas e horas pelas vastas regiões do pensamento, e formasse os lindos e magnificos monumentos, que o vulgo chama — castellos no ar? Não ha que duvidar; pela minha parte, confesso-o com a simplicidade que me é notoria, não só faria outro tanto, como talvez perdesse os miolos!

— Oh! bradava elle em um accesso de enthusiasmo, vou engrandecer-me! todos de mim se occuparão!... A fortuna, a gloria, e o amor, serão a recompensa do meu trabalho; e então... então talvez encontre a musa que meu coração aspira!

Porém as meditações de um hypocondriaco exigem repouso e socego; e esse é o caracteristico dos poetas. Coitados! soffrem tanto, são tão pungentes os pezares que lhes ralão o coração!...

Por isso, e por ser demasiadamente frequentado o sitio escolhido, mal se accommodavão as idéas de Edeltrudo com o prazer e ruído de todos os instantes. Os bailes, as festas, os passeios com os seus attractivos, com esses risos e fallas, essas reuniões de lindas jovens, de gentis brasileiras, cujos olhares scintillantes são settas farpadas; de loiras allemãas com o seu magico composto tão decantado pelas almas romanticas; oh! tudo reunido fazia enlouquecer o taciturno bardo!

Edeltrudo comprehendeu que não era ahi o seu lugar.

Dous dias lhe bastarão para percorrer os arrabaldes da nova cidade, e como não encontrasse em parte alguma o seu companheiro de trabalho, aguardando-o, retirou-se para um dos ho-

— 316 —

teis, e encetou a obra que devia coroal-o de louros, e dar-lhe um nome na republica das letras.

O homem põe, e Deus dispõe; de balde fazemos projectos que serão irrealisaveis se não os imaginassemos; porque existe na natureza um certo fluido que nos arrasta insensivelmente á contrariedade de compromissos que de motu proprio nos impuzemos: de ordinario, o homem muda para ser fiel, e não admite questão na parte relativa á inconstancia. Apesar de renegar as reuniões, algumas vezes Edeltrudo compareceu aos sarãos do engenhoso proprietario do hotel de Bragança; porém tal era a sua distracção que nem ao menos se dava ao trabalho de examinar quem o acompanhava. D. Georgina via-o de relance, e mais de uma noite classificou-o de — sombra — para não brindal-o com outro epitheto.

Passarão-se já seis mezes. Edeltrudo, depois do acurado trabalho no retoque da grande obra, que tinha de leval-o ao templo da gloria, chamou alguns de seus amigos para fazer-lhes a indispensavel leitura do manuscrito, leitura hoje desprezada por qualquer noviço que mede versos a compasso. Leu linha por linha mais de cem paginas de hexametros, e apenas interrompido pelas ovações de dous entendedores que concorrerão ao acto, foi applaudido, abraçado, e não sei se foi beijado, quando declarou que chegara ao ponto final. Ensoberbecido e contente por estes leaes applausos, ahi caminha elle em busca do editor.

O desinteressado apreciador dos talentos engarrafados já não o conhece, e pergunta-lhe com a maior indifferença o que pretende.

— Trago-lhe o meu manuscrito, responde Edeltrudo meio tonto, por figurar-se-lhe que a viagem a Petropolis o tornara mais feio.

— Um manuscrito? Oh! meu caro amigo, o negócio vai de mal a pior, a época é terrível para os editores, e pouco tardará que elles não fechem as portas!

— Creio que os meus versos lhe agradarão....

— Heim? fallâ-me em versos?!

— Bella pergunta! Trago-lhe a descripção das bellezas de Petropolis!...

— E o que quer que faça della?

— Mas... não foi isso que encommendou para o seu album do Anno-Bom?

— Eu?!... E esta! Julga-me então algum pedaço d'asno que caia no ópio de imprimir versos, quando até o *Jornal do Commercio* os publica diariamente? O senhor está enganado; eu só me encarrego de folhas politicas... e que saibão descompor!...

— Tenho certeza de não haver equívoco; foi de sua mão que recebi 200\$000 adiantados, ha cerca de seis mezes....

— Ah! é verdade, meu amigo. Onde tinha minha maldita cabeça!... que diabo! as questões politicas até nos roubão a reminiscencia! disse o athleta-jornalista lembrando-se repentinamente de certa commissão de que o incumbira uma elegante viuva.

E por isso apressou-se em receber o manuscrito, e pagar o resto do preço convencionado com o versejador.

Desgraçadamente perderão as patrias lettras essa obra prima; o malvado editor julgou-se prejudicado no precioso tempo que gastara conversando, e porque nenhum poder lhe derão para imprimir o canto do bardo, pensou lá para si que a sua commissão estava concluída. *As bellezas de Petropolis* estão talvez no momento em que escrevo, ensaccadas nos famintos e destruidores estomagos das traças e cupins!

Não se acredite apesar disso que o infortunio desanimou Edeltrudo, não; o poeta esperava sempre; e nesse intervallo, parecendo habitar um novo mundo, e brindando-se com alguns titulos e favores, decididamente assestou a artilharia contra a amavel visinha.

E porque não? habilitado como estava elle, o auctor de um lindo e precioso volume, para que deixaria de lançar a tarrafa a essa encantadora viuva, que sempre via á janella, e de continuo o acompanhava com tão doces olhares? Sobre poeta ser tolo, é proprio da quadra em que vivemos; mas não se entende este axioma com o nosso auctor.

Foi portanto com indizível prazer que Edeltrudo recebeu o convite para um saráo que dava D. Georgina aos seus parentes e amigos, e como era de presumir e mesmo desnecessario de o dizer, não faltou.

O ditoso vate que nada mais tinha a desejar para dar com a cabeça no pinaculo da gloria, prestou toda a attenção aos encantos da sua nova inspiradora: eil-o em extasis e frenetico! é um outro individuo ressurgido das cinzas do platonismo para amar o positivo.

D. Georgina estava arrebatadora nessa noite; o simples vestuário que trajava, tornava-a ainda mais interessante. Vendo-a de tão perto, notando a sua inqualificavel perturbação, quando elle se lhe aproximava, Edeltrudo não pode deixar de abafar este grito de revolta de um homem sisudo que se suppõe martyr do celibato:

— Filei-a!!... não ha que duvidar... é ella a musa que tanto trabalho me deu em procurar!....

Enlevado por essa sediciosa idéa, desenvolveu todo o romantismo, ternura e paixão de um Petrarca; amava, segundo dizia,

« Como no mundo amar só póde

« No arrebol da existencia um peito d’homem! »

Além disso, ajudavão-o com tal interesse que em poucos momentos percorreu todo o caminho que D. Georgina suppunha haver galgado em muitos mezes: ella viajou em liteira, e elle no carro a vapor.

— Até que o bicho fallou, disse a musa mirando-se ao espelho; ainda bem que não foi preciso um saca-rolhas!

Quando ella assim se exprimia, já Edeltrudo tinha investido sobre o intrincheiramento de mônios, arrufos e carantonhas que formão a guarda avançada do casamento, e rendendo-se á discrição firmou um tratado tão pouco exigente que fez enfiar o bisonho general. Nunca teve

— 317 —

elle em mente que uma praça forte se entregasse tão de prompto; e como receiasse traição, arripiou-se da cabeça aos pés, e bradou ás suas tropas postadas no campo da consciencia:

— Alto! examinemos primeiro o terreno, e colhamos informações sobre o character do inimigo. E fallando menos militarmente consigo mesmo, acrescentou: Casar com uma viuva que escorrega tão depressa pela ladeira da sympathia! Nada; quero estudal-a para crel-a!

Apezar dos pezares solicitou e obteve a permissão de fallar-lhe a sós no dia seguinte. Preparou durante a noite mais de cem recados; enfeitou dezenas de ramilhetes compostos de palavras miudinhas e galantes; percorreu de alto a baixo toda a escala da sensibilidade, e tendo soado a hora de apresentar-se, foi espichar-se como um caloiro, que basta ver um veterano para perder o tino da palavra.

Felizmente era esperado, e D. Georgina não quiz gastar o tempo em novos preludios. O homem, que em tudo se diz superior á mulher, nunca passou pela fieira do amor; exponha-se á pressão dos primeiros pertuchos, e então me contará novas do que é um apuro insoportavel.

Edeltrudo, que não safava-se de reiterados cumprimentos, protestos, juras, e.... mentiras, foi-se approximando de um aparador adornado de muitas porcelanas e crystaes, e com a aba da casaca puxou por um vaso de alabastro, que por pouco não cahiu por terra: daqui parte o encerramento do drama que tão desenxabidamente, e sem ninguém chamar-me, trouxe á scena.

— Veja lá se quer quebrar a outra jarra, disse D. Georgina ás gargalhadas.

— Quebrar a outra? perguntou Edeltrudo embasbacado.

— Por certo. Já se não lembra que fez cacos da companheira desta?

— Nada de zombarias, Georgina; era preciso que eu frequentasse a sua casa, e fosse mais estouvado do que...

— Tá.... tá.... tá.... Recorde-se bem.... ha talvez seis mezes....

— Então estava eu em Petropolis!

— Antes disso... quando me fez mercê de mandar esta cartinha atravez dos vidros daquella janella...

A explicação demonstrou o erro: o character de lettra da carta não era o mesmo da de Edeltrudo, e o casto poeta deu os maiores signaes de indignação ao ler as expressões que nella se continhão. Aurélia não se achava presente para confessar a verdade; não querendo acompanhar sua ama a Petropolis, despediu-se e foi procurar novo arranjo. Quem pois fará cahir o panno, e apontará aos espectadores a porta da rua? — Eu próprio, leitora, que sempre me tive na conta de liquidador de intrigas; quando não as posso dissolver, pelo menos trato de não lhes dar incremento.

Julgo desnecessário communicar aos dous intrigados que toda aquella obra partiu das mãos de uma criada espirituosa; e porque seus corações fallarão-se e comprehenderão-se, caiba a Edeltrudo todo o beneficio da intriga, e a D. Georgina o prazer de ter segundo marido para substituir a JARRA QUEBRADA.

C. do R.

POESIA. IMPROVISO

Feito por occasião de ouvir o Sr. José Joaquim Alves cantar algumas modinhas brasileiras, na casa do Sr. Innocencio Rego, em S. Christovão, na noite de 10 de Setembro.

O Anjo d'harmonia se estivesse
Entre nós a te ouvir, ficára incerto
Se lá dos céos, na terra, de seus cantos
O echo nos houvera repassado!
Cantor! tange de novo o teu sublime
Instrumento da dor e da saudade!...
Aqui dos proprios Numes a ventura
Supplanta-se, se acaso em vossos labios
Ligeira nota modulando amores
Dos corações as fibras estremece!!

Canta, canta, e verás manso
Bravo mar que s'encapella.
Quem te escuta cuida ouvir
— *Pescador da barca bella!*

Entre applausos e sorrisos,
Canta de amor a canção;
Faze ouvir-nos o teu canto,
— *Que Deus não castiga não!*

A. J. dos Santos Neves.

— 318 —

NO ALBUM DE UM POETA.

De que serve a pobre planta
Ao pé do cedro sem fim?
O que faz se não encanta
Ao pé da rosa, o jasmim?
Se a planta não tem nome;
Se na terra se consome,
Inda haverá quem a tome
Com desvelo em seu jardim?

Que dirá meiga andorinha
Em face do rouxinol?
Quaes os sons da lyra minha,
Festiva, saudando o sol?
São sempre tristes os cantos,
Sellados pelos meus prantos,
Nem, p'ra os pobres, os encantos
Lhes reluz de um arrebol!

De que presta em praia nua
Erma conchinha do mar?
Despontando ao pé da lua
Que estrellas podem brilhar?!
Ostentando mil bellezas
Incertas brilhão acesas;
Mas, morrem, se nas devêsas,
A fulgir — surge o luar....

De que presta, n'alto monte
Rasteira gramma do val?
O que avulta junto á fonte,
Um riacho de crystal?....
E', como ao pé da saudade,
Que nasce na soledade,
Vir a rosa, com vaidade,
Campear, como rival!

Irmão! recebe este canto,
Como tributo, e não mais;
E' escuro e denso o manto
Que encobre maguas fataes....
Guarda-o tu, irmão, no peito;
Que lá, guardado e aceito,

Não temo de o ver desfeito
Ao sopro dos vendavaes....

Não temo... Que a poesia,
Se recebe estranha dor,
Nem a mostra á luz do dia,
Nem lhe descobre o pudor...
Segredo.... Irmão! que o desgosto,
Nem se deixa ler no rosto,
Nem soletrar, aqui posto
Neste nome sem valor.

L. A. Palmeirim.

MOTTE.

*Minha pallida tristeza
Consome meus tristes dias.*

GLOSA.

Attento á negra fereza
Do destino desabrido,
Sinto no peito opprimido,
Minha pallida tristeza:
Ausencia — fatal crueza,
Mortes mil, mil agonias,
Me priva das regalias
De te ver sempre a meu lado...
Tal rigor do impio fado
Consome meus tristes dias.

Dona Augusta de S. P.

MOTTE.

*A saudade do tempo d'amor
Que fugiu... que não mais hade vir!
Morrerá na minha alma sómente
Quando eu triste deixar de existir!*

Pela Ex.ma Sra. Dona A. M. C.

Desse tempo d'outr'ora.... tão bello!
Que em meus versos cantei com ardor,
Que me resta? Pezares.... tristeza....
A saudade do tempo d'amor!...

E fugiu!.... acabou tão depressa!
Essa esp'rança d'um bello porvir!
Que saudades! que eu tenho, do tempo
Que fugiu, que não mais háde vir!....

Em meu peito conservo guardado
Um signal desse amor tão ardente;

— 319 —

A ninguém juro eu revelal-o.....
Morrerá na minha alma sómente!

Mas eu deixar d'amal-a.... não posso!
Nem meus males deixar de carpir!
Oh! de adoral-a.... só deixarei
Quando eu triste deixar de existir.

...

A FELICIDADE.

Se houvesse alguma alma caridosa que me explicasse, que me definisse a palavra
Felicidade!

Rousseau diz que — a *Felicidade* é uma mania.

Um proverbio francez diz: < *C'est être riche, que d'être content de ce qu'on possède.* >

Por consequencia — ser feliz, é dizer consigo mesmo: Eu sou feliz.

Está dito. A felicidade é uma mania.

E comtudo passamos a vida correndo atraz da tal Sra. *Felicidade*, e arfando e suando, e nunca chega o dia; porque nada ha perfeito sobre a terra, e como parece que a *Felicidade* deve entender-se o gráo mais alto de supremo bem-estar do mortal, essa perfectibilidade é nem mais nem menos que o impossivel.

Dizemos — Ah! quanto eu seria feliz se alcançasse isto ou aquillo — a fantasia do momento!

E conseguimos o nosso desejo; e, ainda mal possuímos o objecto desejado, já começamos a procurar outra felicidade!

O mais engraçado da festa é que, quando aquillo por que anciavamos torna-se em instrumento de tortura, amaldiçoamos o que suppunhamos fazer a nossa felicidade!

Os humanos, a correrem atraz da felicidade, me fazem lembrar de um louco que passava as noites a correr atraz da propria sombra cuidando que era a apparição de uma princeza de quem elle estava apaixonado, á guisa do Dom Quichote pela formosa Dulcinéa. Eis o que me acontece tambem, minhas caras leitoras. Para mim, isto de escrever para o publico, era uma felicidade enorme, sublime, extraordinaria, estrondosa e inconcebivel!

Ora! eis-me chegada ao apogeo da felicidade, e já estou quasi... quasi arrependida.

Imaginaí vós que a primeira lida é o Sr. Impressor, que todos os dias grita — Originaes! Originaes! — D'ahi o compositor e o revisor tropeçando, um pela pressa, outro por descuido, aquillo que com tanto amor vós escrevestes e arranjastes!

Ainda mais. Vem o Sr. Publico, que não entende umas vezes, e outras não quer entender o pensamento do escriptor, e tambem apoquenta a paciencia da gente, e diz:

— Ora que maçada!

— Você já leu? Fortes asneiras que ali vem!

— Se dissesse alguma cousa de novo!

— Ou de sublime!

Ah! querem cousas novas? querem cousas sublimes? Pois, para contentar a todos, o melhor é dizer:

< Artes, sciencias, agricultura, economia, ecliptica, astronomia, commercio, estrategia, navegação, manufacturas, antiguidades, physica, medicina, vapores, mineralogia, architectura, magnetismo, hydrographia.... eh? o que é?

Eu disse alguma cousa?

Muita.

Aposto que ninguém sabe o que é!

Pois eu, que escrevi, não sei o que disse, e querem os outros saber mais do que eu?

Que felicidade a minha escrever para o publico!

É uma felicidade como qualquer outra; quando estava longe, era o paraíso aberto na terra. Já está em casa, agora peço a Deus paciencia para aturar a minha felicidade!

Dona Joanna de Noronha.

FREI LUIZ DE SOUSA.

Antes de professar tinha o nome de Manoel de Sousa Coutinho, e era um cavalheiro illustre e de boas letras. Andando os governadores de Portugal pelas visinhanças de Lisboa, por causa da peste, mandarão-lhe dizer que tencionavão ir assistir na sua casa de Almada; indignado por esta arbitrariedade, Manoel de Sousa Coutinho poz-lhe fogo por suas próprias mãos, e retirou-se depois para Castella. Voltando a Portugal, casou com D. Magdalena da Vilhena, viuva de D. João de Portugal, que geralmente se acreditava haver fallecido na batalha do Alcacer, e della teve D. Anna de Noronha, menina de muito juízo e que morreu solteira.

Vivião os dous consortes na maior harmonia, na sua casa reedificada de Almada, quando um peregrino se apresenta um dia a D. Magdalena, e lhe diz:

< — Sou um portuguez que venho de Jerusalem; ao tempo de voltar para este reino me bus-

— 320 —

cou outro portuguez, e me pediu e encommendou muito, que chegando a salvamento, quizesse passar por esta villa e dizer a vossa mercê (se fosse viva) que ainda por aquellas partes vivia quem se lembrava de vossa mercê: isto é o que me trouxe aqui. >

Ficou D. Magdalena sobresaltada, e muito mais ainda quando, levado o peregrino á outra sala, apontou para o retrato de D. João de Portugal, e acrescentou que aquelle fôra quem tal ordem lhe dera. Sabedor de tudo, Manoel de Sousa persuadiu a sua mulher que se apartassem um do outro e se despedissem para sempre do mundo; o que fizerão, entrando elle no convento de S. Domingos de Bemfica, com o nome de frei Luiz de Sousa, e ella no convento do Sacramento, proximo a S. Vicente, com o nome de Soror Magdalena das Chagas. Não se tornarão a ver, nem a fallar, e viverão d'ahi por diante com grande santidade.

Illustrou frei Luiz de Sousa o seu nome com a publicação de varias e interessantes obras: morreu em 1632, e está sepultado no ante-côro do convento de S. Domingos de Bemfica, junto aos degrãos do córo. Quem ha hoje que não conheça o bello drama, representado e coroado de applausos tantas vezes nos nossos theatros dramaticos, composto pelo insigne poeta o Sr. Garret?

Pensamentos.

Diz Plutarco: Os falladores são como os copos vasiaos que soão mais do que os cheios.

— Encolerisar-se pelas faltas dos outros, é vingar em si as culpas alheias.

— Os preguiçosos sempre têm desejos de fazer alguma cousa!

— Os malvados sempre achão motivos para justificarem suas acções e condemnarem as dos outros.

— A verdadeira educação consiste menos em preceitos, do que em exemplos.

— Ha duas cousas que se devem temer: a inveja dos amigos, e a raiva dos inimigos.

— A fortuna e a riqueza não mudão os homens, porém desmascarão-nos.

CHARADAS.

Dou á pedra minha côr e meu matiz,
Mas falso arrimo dou a quem me piza; 2
Nada sou, porém sou alguma cousa,
Começo ao mundo dei; assim se diz. 2

De azedo caldo formada
Eis-me doce e agradavel;
No inverno pouco usada,
No verão apreciavel.

Julieta.

Para limpar 1
Para cantar 1
Para rezar.

Julieta.

Peixe do rio 2
Tinta barata; 2
Meu corpo cria;
Meu sangue mata.

Julieta.

Acho-me em todo o bom dito,
Sou a graça de quem falla; 1
Com pano pertença ao prelo; 1
Sou bem preciso ao romeiro,
E também ao marceneiro. 2
Afamado charlatão e bailarino,
Nas praças fazer rir, pelotiqueiro.

Julieta.

A charada do n. 39 é: *Amendoas*.

Acompanha este n.º 40 uma estampa com figurinos de passeio.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.